

USO DO ELEMENTO FLEXIONAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL EM CONSTRUÇÕES COM SE NAS VARIEDADES EUROPEIA E SANTOMENSE DO PORTUGUÊS

THE USE OF THE THIRD PERSON PLURAL FLEXIONAL ELEMENT IN PHRASES
WITH SE IN THE EUROPEAN AND SÃO TOMÉ VARIETIES OF PORTUGUESE

ANGELA MARINA BRAVIN DOS SANTOS
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
bravin.rj@uol.com.br

O objetivo deste artigo é analisar o comportamento do elemento flexional de 3ª pessoa nas construções com **se** combinado a verbos transitivos diretos nas variedades europeia e santomense do Português, na fala de homens e mulheres, distribuídos por três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior, no caso dos falantes europeus, e pelos níveis fundamental e médio na amostra de São Tomé e Príncipe. Trata-se de uma pesquisa Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 1968), a partir da qual se pretende mostrar que, no português europeu, a ausência ou realização de tal elemento consiste numa regra variável quando ocorre nessas construções, consideradas tradicionalmente passivas sintéticas. Os resultados obtidos são comparados aos de pesquisas variacionistas sobre concordância verbal de 3ª pessoa do plural em outros tipos de sentenças do Português Europeu, Brasileiro e Santomense (Brandão e Vieira 2012; Barreto 2014, e Monguilhott e Coelho 2011).

Palavras-chave: Flexão de 3ª pessoa do plural; Construções com **se**; Variação linguística; Variedades do português.

This article aims at analyzing the behavior of the third person flexional element in phrases with **se** in combination with direct transitive verbs in the European and Saint Tome varieties of Portuguese, in men's and women's speeches, distributed along three educational levels: elementary, secondary and higher, in the case of European speakers, and the primary and secondary levels in the sample of São Tomé and Príncipe. This is a Sociolinguistic variationist research (Weinreich, Labov, Herzog 1968), from which it is intended to demonstrate that, in European Portuguese, the absence or presence of such an element consists in a variable rule when these constructions occur, traditionally considered synthetic passives. The results obtained are compared to the results from variationist research about the verbal agreement of the third person plural in other sentences in the European Portuguese, Brazilian Portuguese and São Tomé Portuguese (Brandão e Vieira 2012; Barreto 2014, e Monguilhott e Coelho 2011).

Key-words: Third person plural flection; Phrases with **se**; Linguistic variation; Varieties of Portuguese.

0. INTRODUÇÃO

Este artigo trata, nas variedades europeia e santomense do Português das construções com **se**, consideradas tradicionalmente passivas sintéticas, e o uso, ou não, da marca flexional de 3ª pessoa do plural, a partir de um contraponto com resultados de pesquisas sociolinguísticas acerca do comportamento dessa marca em outros tipos de sentenças do Português de Portugal, do Brasil e de São Tomé e Príncipe, para verificar como o mesmo elemento linguístico recebe valores sociais distintos a depender da estrutura sentencial em que ocorre.

Nos estudos sociolinguísticos variacionistas acerca dos padrões de uso da concordância verbal nas diferentes variedades do Português, têm-se discutido, como em Brandão e Vieira (2012), Barreto (2014) e Monguilhott e Coelho (2011), os contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ausência ou presença da marca de pluralidade de 3ª pessoa na relação entre sujeito e verbo em sentenças como em (1), exemplificada em Monguilhott e Coelho (2011: 310), trabalho em que só se examinam os contextos estruturais:

- (1) As mulheres não tinham direito a voto (PERCFVF04)

E, como se verá na seção 3, há pesquisas que apontam para o caráter semicategórico dessa regra e outros para o uso variável. No caso das construções com **se** sob análise, negritadas em (2), exemplo do Português Europeu (PE), desconheço trabalhos variacionistas que buscam identificar especificamente o comportamento da flexão de 3ª pessoa do plural em tais construções. Há, inclusive, uma postura metodológica comum a vários estudos sobre concordância de 3ª pessoa do plural, seja em relação ao PE, seja no tocante ao Português Brasileiro (PB), conforme se verifica em Barreto (2014: 30): a de excluir da coleta de dados a “Estrutura tradicionalmente chamada de passiva sintética”¹:

- (2) eu digo isso muitas vezes e acho em todos os aspectos desde a construção_ **criou-se novas oportunidades** acho que o emprego_ **criou-se emprego novamente**_ havia um grande desemprego_ (FNC-B-3-M)

A autora não apresenta justificativas para esse procedimento, mas deixa subjacente a ideia de que a codificação desse contexto numa pesquisa variacionista enviesaria os resultados, acabando por mascarar o real quadro dos contextos estruturais favoráveis à marcação ou ao apagamento da concordância de 3ª pessoa do plural. Na verdade, e obviamente, construções passivas sintéticas recebem tratamento à parte porque as pesquisas acerca do uso, ou não, do elemento flexional de 3ª pessoa do plural se debruçam sobre sentenças ativas e sobre passivas analíticas. Entretanto, o caráter passivo das referidas construções com **se** tem sido questionado, sobretudo por estudos de base gerativista, como o de Cavalcante (2011), que discute se são de fato passivas ou ativas com estatuto de indeterminação do sujeito.

Sem ignorar que a problemática existe, não discutirei, contudo, o caráter passivo ou ativo de tais construções. Meu objetivo principal é o de, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, verificar se ocorre ou não a presença do elemento flexional de 3ª pessoa do plural nos verbos transitivos diretos combinados ao pronome **se** na modalidade falada do Português em Oeiras, Cacém e Funchal, regiões de Portugal, e na fala de São Tomé e Príncipe. Ou seja: se há variação linguística no que se refere ao uso desse

¹ Estudos apontados por Barreto (2014): Monguilhott (2010), Varejão (2006) e Bazenga e Vieira (2013). A pesquisa da autora também descarta as estruturas consideradas passivas sintéticas.

elemento. Serão discutidos os contextos estruturais e extralinguísticos que atuam no seu apagamento ou realização, tomando como hipóteses: a) o comportamento dos falantes do PE diferencia-se do comportamento dos de São Tomé, e Príncipe, já que para aqueles há realização variável do uso da flexão, enquanto para estes o apagamento é categórico; b) no PE, o contraste entre ausência e presença da marca flexional não é indicadora de status social dos falantes; e c) o cancelamento dessa marca sofre mais ou menos rejeição a depender da estrutura sentencial em que ocorre.

Organiza-se este artigo da seguinte forma: na seção 1, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos, descrevendo-se, sobretudo, as amostras analisadas. O ponto 2 dá conta de uma comparação entre os resultados percentuais obtidos por esta pesquisa com os de Barreto (2014) e o de Monguilhott (2011) para os padrões de uso da concordância verbal de 3ª pessoa do plural nos outros tipos de sentenças na variedade europeia do Português. O contraponto justifica-se na medida em que se coloca em questionamento o fato de o mesmo elemento flexional, a marca de 3ª pessoa do plural, ser usado semicategoricamente nas demais sentenças na fala de Portugal, mas ser variável nas orações consideradas tradicionalmente passivas sintéticas. Na etapa seguinte, ocorre a análise das variáveis selecionadas, bem como uma comparação com os resultados de Brandão e Vieira (2012) para as orações ativas do PB e do Português de São Tomé e Príncipe (PST). A seção 4 trata separadamente das construções com **se** no PST, porque os dados encontrados não foram suficientes para empreendermos uma análise que permitisse traçar comparações com os resultados obtidos para o PE. Em 5, concluímos o texto com uma sistematização do raciocínio aqui desenvolvido.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O tratamento dos dados toma por base pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog 1968; Labov 1972), dos quais se destaca a noção de variação linguística como competição entre duas ou mais de duas variantes linguísticas, no âmbito de uma comunidade de fala, sendo condicionadas por fatores sociais e linguísticos, controlados em grupos, os quais se denominam variáveis independentes. O conjunto de variantes é considerado a variável dependente ou regra variável, cuja frequência de uso costuma ficar, segundo Labov (2003), entre 5% e 95%. Os dados levantados são submetidos ao pacote computacional de programas GoldvarbX, que fornece os percentuais de uso, bem como os pesos relativos para cada fator controlado. Além disso, esse programa indica os grupos de fatores que se mostram mais significativos para a realização da regra examinada.

Para a análise proposta, foram codificadas estruturas em que o sintagma nominal com o qual o verbo se combina aparece no plural, estando a forma verbal no singular ou não. E é exatamente em relação a essa dupla possibilidade de o verbo aparecer na sentença que as variantes examinadas foram escolhidas: apagamento x realização do elemento flexional, tomando-se como valor de aplicação a primeira estratégia. Sexo, escolaridade, faixa etária e região consistem nas variáveis extralinguísticas controladas, enquanto as linguísticas se dividem em tipo de oração, posição do sintagma nominal com o qual o verbo da construção se relaciona, presença ou ausência de elementos intervenientes entre esses dois elementos e, por fim, o traço semântico desse sintagma nominal.

Em relação ao banco de dados utilizado, recorre-se a duas amostras constituídas recentemente: para a fala europeia, serviram de base entrevistas, de orientação sociolinguística, do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas*,

*brasileiras*², que conta com 18 informantes de cada região da área urbana de Portugal mapeada: Cacém e Oeiras, ambas situadas em Lisboa, e Funchal, capital da Ilha da Madeira. Esses informantes estão divididos por idade, sexo (masculino e feminino) e escolaridade. A faixa A engloba os falantes entre 18 e 35 anos; a B, entre 36 e 55 e C, entre 56 e 75. Os graus de escolaridade distribuem-se nos níveis fundamental, médio e superior.

No tocante à variedade de São Tomé e Príncipe, as entrevistas que constituem a amostra foram realizadas, em 2009, por Tjerk Hagemeijer e compõem o *Corpus* VARPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Trata-se de uma amostra com informantes distribuídos em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

2. A CONCORDÂNCIA DE 3ª PESSOA NO PE, PB E PS: CONSTRUÇÕES COM SE X OUTROS TIPOS DE SENTENÇA

Como mencionado na seção 1, estudos sociolinguísticos acerca da concordância de 3ª pessoa do plural excluem dos dados analisados orações consideradas tradicionalmente passivas sintéticas, ficando, portanto, os resultados circunscritos a realizações em que a concordância verbal se manifesta nos outros tipos de sentenças, nas quais, muitas vezes, o sujeito não se mostra verdadeiramente agentivo, mas a voz é ativa. Além disso, são examinados também verbos na voz passiva analítica. Dentre esses estudos, toma-se como ponto de comparação a pesquisa de Barreto (2014), sobre a fala de Oeiras, Cacém e Funchal, e a de Monguilhott e Coelho (2011), que investiga a fala da região de Lisboa. Das 4.165 ocorrências examinadas por Barreto, 4073 apresentaram marcação de plural no verbo, computando, portanto, 98,2% de concordância. Monguilhott e Coelho analisaram 607 ocorrências, das quais 583 (97%) exibiram marca de 3ª pessoa do plural. Esses resultados indicam que a presença do elemento flexional de 3ª pessoa nas sentenças ativas na variedade europeia do português é quase categórica, espalhando-se, portanto, por todos os contextos estruturais e extralinguísticos, diferentemente do que ocorre com os dados aqui examinados, como se verá.

No cômputo geral desta pesquisa, foram encontradas, na amostra do PE, 65 ocorrências de sintagmas nominais pluralizados nas construções com *se* sob análise; na de São Tomé e Príncipe, apenas 16, as quais, por conta desse número ínfimo de dados, serão tratadas separadamente. Em relação, pois, à variedade europeia, os resultados gerais indicam que a regra sob análise é variável conforme se visualiza no Gráfico1:

² Projeto organizado por Sílvia Brandão e Sílvia Rodrigues Vieira. Disponível em www.concordancia.lettras.ufrj.br.

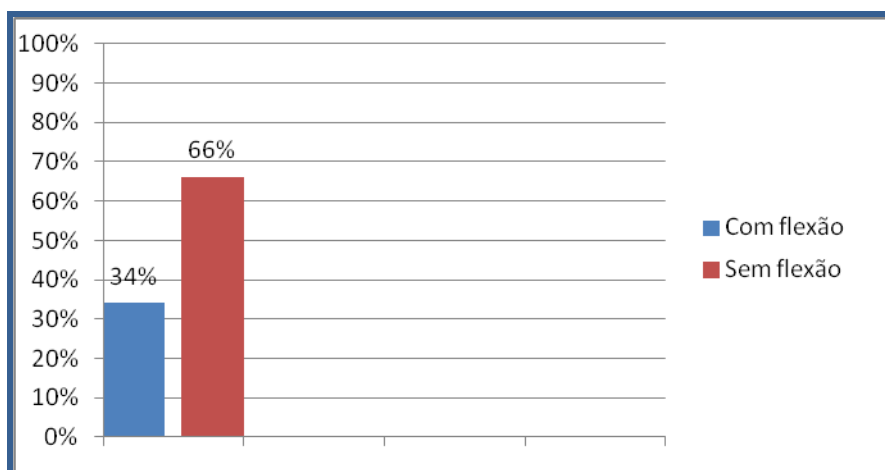


Gráfico 1. Percentuais de realização e apagamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com *se* do PE

Os resultados percentuais para o apagamento e realização da flexão de 3ª pessoa do plural, nas supostas passivas, permitem uma descrição totalmente diferente da delineada para as outras sentenças da fala europeia, em que o uso do elemento flexional predomina. Nas construções com *se* analisadas, verifica-se a preferência pelo cancelamento da flexão, o que sugere que, em tais estruturas, a ausência do elemento flexional não carrega valor negativo, não indicando, portanto, características de *status* social do falante. Confirma-se, dessa forma, até o momento, uma das hipóteses que orienta nosso raciocínio. A Tabela 1 exhibe os percentuais distribuídos entre as três áreas contempladas pela amostra:

| Regiões | Cancelamento da flexão | | Realização da flexão | | Total |
|---------|------------------------|-----|----------------------|-----|-------|
| FUNCHAL | 29 | 76% | 9 | 24% | 38 |
| OEIRAS | 7 | 64% | 4 | 36% | 11 |
| CACÉM | 7 | 44% | 9 | 56% | 16 |

Tabela 1. Distribuição dos percentuais realização e apagamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com *se* por região: Funchal, Oeiras e Cacém

Levando em conta a diferença entre os percentuais, na orientação vertical, observa-se, no tocante à ausência da flexão, a preferência por essa estratégia em Funchal, com um índice de 76.3%, seguido por Oeiras, cuja taxa também se encontra bem acima de 50%, (63.6%). Somente os índices obtidos para Cacém ficam abaixo de 50%: (43.8%).

Em relação a Funchal, o resultado não surpreende, uma vez que se trata de uma região com características bem diferentes das demais, sobretudo as geográficas e históricas. Trata-se da capital da Ilha da Madeira, parte insular de Portugal, com uma geografia favorável ao turismo, o que permitiu um desenvolvimento urbano a partir da chegada de imigrantes oriundos de outras áreas de Portugal e até mesmo de outras partes da Europa, além de receber pessoas da África. Segundo Brandão, esse processo de desenvolvimento da Ilha “*presupposes a situation of*

interlinguistic/interdialectal contact, which still persists, due to the natural touristic potential of the region". (Brandão, 2013: 57). O caráter linguístico diferenciado da parte insular de Portugal chama a atenção principalmente em relação à sintaxe de algumas construções com **se**, como exemplificado em Martins³ em dados do Corpus Dialectal com anotação sintática (*CORDIAL-SIN*) :

(3) **A gente** não **se** come, mas os de Lisboa diz que comem daquele peixe. (Câmara de Lobos, Madeira, CORDIAL-SIN, CLC 25)

(4) **A gente** via-**se** elas [as baleias] longe, era o esparto. (Caniçal, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 32)

Nesses casos, o **se**, segundo a autora, reparte com **a gente** as propriedades de sujeito, resultando em uma construção de “duplo sujeito”. Se aparecem, pois, estruturas, em sentenças ativas, distantes tanto da variedade *standard* do PE quanto da popular, não é de se estranhar a preferência em Funchal pelo apagamento da flexão de 3ª pessoa do plural, ilustrado em (5) e (6), nas sentenças consideradas passivas :

(5) e **vê-se** lojas no Funchal fechadas (FNC-C-3-H)⁴

(6) no funchal **vê-se** muitos cães (FNC-A-3-H)

Embora sejam poucas as ocorrências obtidas, apenas 11, o resultado para Oeiras contraria, sutilmente, é claro, o que se esperava: mais realização da marca de 3ª pessoa do plural, porque, teoricamente, essa área apresenta um perfil socioeconômico favorável a formas de prestígio, como a realização da flexão, já que conjuga fatores como grande concentração de empresas, de universidades e de pessoas com alto poder aquisitivo. Para Cacém, a hipótese era a de que o cancelamento seria a opção preferida, pois tal região recebe uma população mais empobrecida, além de concentrar imigrantes das antigas colônias portuguesas.

3. REGRA VARIÁVEL NAS CONSTRUÇÕES COM SE: ACEITAÇÃO DO CANCELAMENTO DA MARCA DE PLURALIDADE

Se, por um lado, os resultados percentuais sugerem que, no tocante às construções com **se** da variedade europeia, o uso do elemento flexional de 3ª pessoa se apresenta de maneira distinta das demais sentenças dessa mesma variedade, por outro, a rodada do programa de regra variável, referente às mesmas construções, aponta para uma semelhança de realização da flexão nas sentenças ativas e passivas analíticas do PB e PST. Tal constatação parte das conclusões a que chegaram Brandão e Vieira (2012). Segundo as autoras, na fala brasileira e na de São Tomé e Príncipe, ocorre competição entre o cancelamento e o uso explícito da flexão, embora a preferência recaia sobre a segunda possibilidade:

³ O artigo Construções com *se*: mudança e variação no Português Europeu, de onde destaquei os exemplos (45) e (46), que aqui recebem os números (3) e (4), respectivamente, foi gentilmente enviado para meu e-mail, por Ana Maria Martins, não sendo, portanto, a versão publicada.

⁴ Códigos: A: 18 a 35 anos 1: nível fundamental H: homem
 B: 36 a 55 anos 2: nível médio M: mulher
 C: 56 a 75 anos 3: nível superior

... embora se dê preferência à concordância – preferência compatível com meios em que o acesso à escola, em maior ou menor grau, é facultado aos indivíduos –, ambas as regras são variáveis, salientando-se que o PST, que apresenta maiores índices gerais de marcação de pluralidade do que o PB, é a variedade em que o *continuum* de nível de instrução tem caráter nitidamente escalar.⁵

(Brandão e Vieira, 2012: 1058)

A Tabela 2 exhibe as variáveis selecionadas pelo referido programa para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com *se* no PE, por ordem de seleção, enquanto a Tabela 3 apresenta os grupos significativos para as sentenças ativas e passivas analíticas do PB e PST, com base em Brandão e Vieira (2012):

| |
|---|
| Faixa etária |
| Animacidade do sintagma nominal ⁶ |
| Sexo |
| Posição do sintagma nominal em relação ao verbo |
| Input: 0.847 |

Tabela 2. Variáveis selecionadas para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com *se* no PE

| PB | PST |
|--|---|
| Paralelismo no nível oracional | Nível de escolaridade |
| Nível de escolaridade | Sexo |
| Saliência fônica | Saliência fônica |
| Animacidade do sujeito | Animacidade do sujeito |
| Posição do sujeito em relação ao verbo | Faixa etária |
| Faixa etária Input: 0.14 | Posição do sujeito em relação ao verbo Input: 0.16 |

Tabela 3. Variáveis selecionadas para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas sentenças ativas e passivas analíticas do PB e PST

O *input* da regra variável para o PE, 0.847, revela que a ausência da marca de 3ª pessoa do plural atua fortemente nas estruturas consideradas tradicionalmente passivas sintéticas, enquanto nas ativas e passivas analíticas das duas outras variedades, o valor para cada uma fica abaixo de 0.20, indicando a preferência pela marca explícita da flexão. Embora se tenha constatado, para os dois tipos sentenciais, o caráter variável da regra, a distância entre os *inputs* indica que o cancelamento da marca de plural de 3ª pessoa nas construções com *se* recebe *status* diferente do que recebe o mesmo elemento nas demais sentenças do PB e PST. Parece que naquelas a ausência do elemento flexional sofre menos rejeição social do que nestas. Isso se revela,

⁵ Texto disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-57942012000300013&script=sci_arttext

⁶ Trata-se do sintagma nominal com o qual o verbo da construção se relaciona. Foram considerados sintagmas nominais no âmbito da sentença examinada e fora dela, cujos exemplos se encontram no item 3.1.2.

inclusive, na seleção da variável escolaridade apenas nas duas últimas variedades, ficando em primeira posição no PST e, na segunda, no PB. Brandão e Vieira atribuem papel preponderante a esse grupo extralinguístico. Para as autoras, o nível de escolaridade não só se configura no responsável pela implementação e produtividade dos padrões variáveis comuns ao PB e PST, tanto em relação à concordância verbal quanto à nominal, como também está associado à maior ou menor frequência do uso da marca de plural. A julgar pela interpretação de Brandão e Vieira (2012)⁷, os resultados para o nível de escolaridade apontam para uma influência sociolinguística extremamente significativa no tocante ao uso da flexão em sentenças ativas:

...também no âmbito da concordância verbal, tanto no PB quanto no PST, a concretização das marcas de número se associa fortemente ao nível de escolaridade do indivíduo, o que, observados os extremos, configura uma situação sociolinguisticamente polarizada. Na variedade brasileira, os indivíduos de níveis fundamental e médio (com índices acima de .50, indicativos de favorecimento da ausência de marca) opõem-se aos de nível superior (com nítido desfavorecimento da ausência de marca), enquanto na variedade santomense fica nítido que a adoção da norma canônica de concordância é progressiva.

(Brandão e Vieira, 2012: 1054)

Na rodada com dados do PE, para as estruturas com **se**, tal variável não aparece entre as selecionadas, o que sugere a aceitação, nesse contexto, do apagamento do elemento flexional de 3ª pessoa. Mais uma vez, estamos diante de evidências que comprovam a hipótese deste trabalho de que o mesmo elemento gramatical, a flexão de 3ª pessoa do plural, recebe estigma em sentenças ativas e em passivas analíticas, mas não no tipo de construções aqui analisadas. Ainda que o nível de escolaridade não tenha aparecido entre as variáveis selecionadas para o PE, cabe apresentar os resultados percentuais obtidos para esse grupo:

| | Cancelamento da flexão | Realização da flexão | Total |
|-------------------|------------------------|----------------------|-------|
| Nível fundamental | 22/78% | 6/22% | 28 |
| Nível médio | 8/57% | 6/43% | 14 |
| Nível superior | 13/57% | 10/43% | 23 |

Tabela 4. Distribuição, por nível de escolaridade, dos percentuais para o cancelamento e a realização da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com **se**

O percentual de cancelamento para o nível fundamental é alto (78%), o que sugere uma realidade similar à encontrada para as sentenças ativas e passivas analíticas do PB, mas a igualdade dos valores observada nos níveis médio e superior situa o PE, em relação às construções com **se**, em um quadro diferente, já que esses níveis exibem a mesma taxa (57%) para a não-concordância, inclusive no tocante ao ensino superior. O gráfico 2, além de deixar clara essa igualdade, que indica não haver oposição entre os níveis médio e superior, revela também a diferença em relação ao resultado a que Brandão e Vieira (2012) chegaram para o PST: a de que a ausência de concordância diminui de acordo com o nível de escolaridade, não

⁷ Ver nota 5.

ocorrendo, pois, emparelhamento entre os níveis de escolaridade para a realização e cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas sentenças ativas e passivas analíticas do PST.

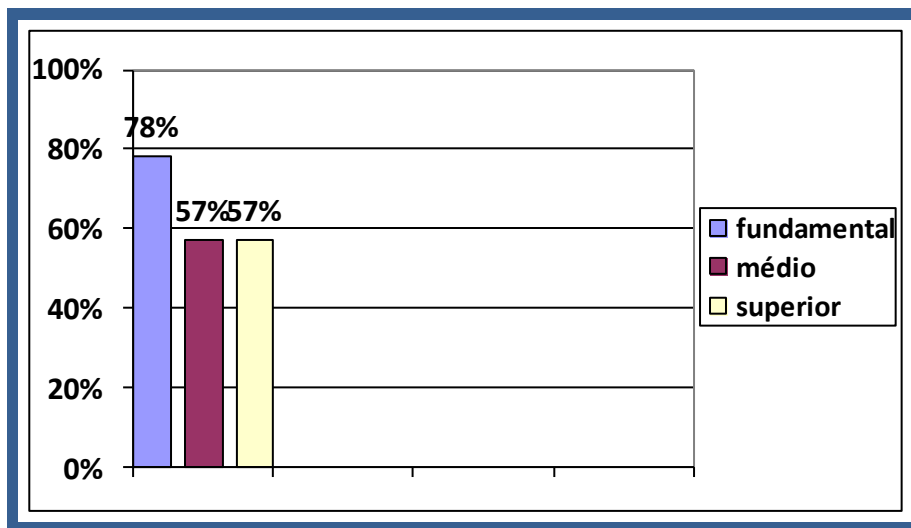


Gráfico 2. Taxas de cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural para os níveis fundamental, médio e superior de acordo com Brandão e Vieira (2012)

3.1. Variáveis relevantes para o apagamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com se

3.1.1. Faixa etária

A variável a ocupar a primeira posição entre as selecionadas para as construções com **se** no PE consiste numa variável extralinguística: faixa etária, o que revela a atuação da idade dos indivíduos na ausência do elemento flexional de 3ª pessoa nas construções com **se** nessa variedade. A Tabela 5 exhibe os percentuais obtidos para esse grupo, bem como os pesos relativos para o cancelamento da flexão.

| Faixa etária | Ocorrências | % | P.R. |
|------------------------|-------------|----|------|
| Faixa 3 (56 a 75 anos) | 4/24 | 83 | 80 |
| Faixa 1 (18 a 35 anos) | 14/22 | 64 | 32 |
| Faixa 2 (36 a 55 anos) | 9/19 | 45 | 28 |

Tabela 5. Atuação da variável faixa etária para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com **se**

Verifica-se que, quanto mais velho o falante, maior é o uso do cancelamento da flexão. Esperava-se um resultado oposto a esse, uma vez que, teoricamente, os indivíduos da faixa etária mais alta tendem a usar a forma mais conservadora, que, nas construções aqui analisadas, consiste na realização do elemento flexional. Sem dúvida, trata-se de um resultado surpreendente, visualizado no gráfico 3 onde são exibidos apenas os pesos relativos.

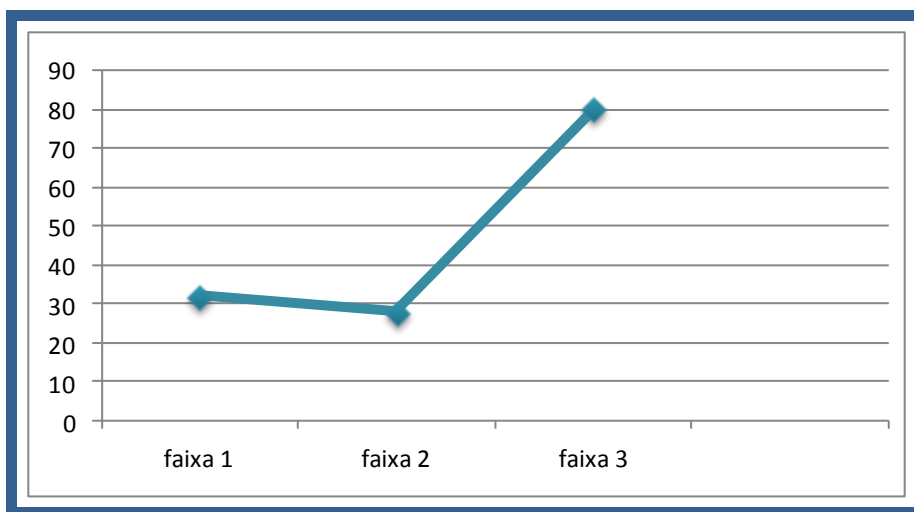


Gráfico 3. Cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com se por faixa etária no PE

A diferença entre o comportamento dos falantes mais jovens e o dos mais velhos é evidente: enquanto, na passagem da faixa 1 para a faixa 2, evidencia-se um movimento bem equilibrado, com um sutil declínio; na passagem para a faixa 3, a linha sobe num movimento acentuado, confirmando, pois, a forte atuação dessa variável para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com **se** no PE.

3.1.2. Animacidade do sintagma nominal considerado sujeito ou do referente

Na segunda posição, encontra-se uma variável de caráter semântico: Animacidade do sintagma nominal considerado sujeito ou do referente ao qual o verbo se relaciona. Conforme se verifica na Tabela 2, o traço semântico de animacidade do sujeito consiste numa variável significativa para a ausência de concordância de 3ª pessoa do plural nas sentenças ativas e passivas analíticas tanto do PB quanto do PST. Os resultados para esse grupo (Brandão e Vieira 2012) revelaram que o traço [+animado] desfavorece a não marcação, ao passo que o [-animado] a favorece. Barreto (2014) mostra que, no PE, tal relação também ocorre.

No tocante às construções com **se**, foram considerados não só os traços dos sintagmas nominais presentes nas sentenças analisadas, mas também os dos sintagmas que se encontram fora delas e com os quais o verbo da construção se relaciona. Para o primeiro caso, apresentamos o exemplo (7), em que os sapatos, com traço [-animado], ocorre na mesma sentença onde está **se via**. Quanto ao segundo, citamos o exemplo (8):

(7) nem **se via os sapatos** (OEIB1M)

(8) havia letras que **se compravam** (CACC2H)

A julgar pelos resultados obtidos para as sentenças ativas, esperava-se que o traço [-animado] também aparecesse, nas construções com **se**, como um contexto favorecedor do cancelamento da flexão de 3ª do plural, enquanto o [+animado] influenciasse a opção pela variante explícita. Os resultados para esse grupo são exibidos na Tabela 6:

| Traços | Ocorrências | % | P.R. |
|------------|-------------|----|------|
| [+animado] | 6/7 | 86 | 99 |
| [-animado] | 37/58 | 64 | 32 |

Tabela 6. Atuação da variável animacidade do sintagma nominal para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com **se**

A expectativa de que o traço [+animado] fosse um contexto a propiciar o uso da flexão não se confirmou, já que das sete ocorrências com esse traço apenas em uma, exemplificada em (9), o elemento flexional se realiza. De qualquer forma, esse resultado pode ser considerado evidência de que sua ausência não recebe estigma.

(9) já um ditado bastante antigo que diz já não **se fazem** peessoas como antigamente (FUNC2M)

Mas em relação à hipótese para o traço [-animado], a de que fosse um contexto favorável ao cancelamento, o que chama a atenção nessa tabela é a diferença entre o elevado percentual (64%) e o baixo peso relativo (.32). Assim, se, por um lado, a taxa indica que esse traço favorece a ausência da flexão, por outro, o peso sugere o desfavorecimento. Parece que esse descompasso reflete, no tocante a essa variável, exatamente a diferença entre as construções com **se** e as demais sentenças: para as primeiras, talvez a clássica hipótese da animacidade não deveria ser testada, já que prevê uma relação íntima entre o traço agentivo do sujeito e o papel de controlador da ação, o que, a julgar pela predominância de sintagmas nominais com traço [-animado], não ocorre em tais estruturas. Para os demais tipos sentenciais, essa relação é indiscutível, sendo indiscutível também a necessidade de teste de tal hipótese. Como esta pesquisa não se propôs a discutir o estatuto de passividade dos sintagmas nominais que participam das construções com **se** sob análise, não julgamos, pois, impropriedade o controle da variável em questão. Na verdade, os resultados confirmam o caráter variável da regra de cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural nas construções com **se** aqui examinadas no âmbito do PE.

3.1.3. Sexo

A seleção da variável extralinguística Sexo, selecionada em terceira posição, surpreende, já que era esperado um comportamento semelhante para homens e mulheres, mas, conforme se observa na Tabela 7, os resultados evidenciam um quadro de polarização no que se refere aos pesos relativos.

| Sexo | Ocorrências | % | P.R. |
|--------|-------------|----|------|
| Mulher | 28/36 | 79 | .81 |
| Homem | 15/29 | 52 | .14 |

Tabela 7. Atuação da variável sexo para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural

A diferença de .67 entre os pesos praticamente opõe o comportamento feminino (.81) ao dos homens (.14), tratando-se, portanto, de um resultado bastante expressivo para a atuação da regra. Nos estudos sociolinguísticos, de maneira geral, a hipótese clássica é a de que as mulheres tendem a usar as variantes de prestígio. Assim, poderíamos concluir que, nas construções com **se** na variedade europeia, os resultados contrariam tal hipótese. A julgar, porém, pelo raciocínio desenvolvido até aqui, esses resultados podem ser considerados, na verdade, evidências que confirmam a suposição de que, nesse contexto linguístico, o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural não sofre estigma, o que explicaria o comportamento das mulheres.

3.1.4. Posição do sintagma nominal em relação ao verbo

A última variável selecionada está entre as de caráter estrutural. Consiste numa adaptação da variável *Posição do sujeito em relação ao verbo* examinada em trabalhos variacionistas sobre concordância verbal de terceira pessoa do plural em sentenças ativas. Podemos citar as pesquisas de Lemle e Naro (1977), Pontes (1986), Scherre e Naro (1998), Monguilhott (2001, 2009) e a de Brandão e Vieira (2012), já mencionada anteriormente. Os resultados dessas investigações apontam para a tendência ao cancelamento da flexão em verbos com sujeitos pospostos, independentemente do nível de escolaridade. Por conta disso, a hipótese levantada para esse grupo, na análise das construções com **se**, é justamente a de que a posição posposta dos sintagmas nominais, sublinhados em (10) e (11), favorece a ausência da flexão de 3ª pessoa, enquanto a pré-verbal, exemplificada nos destaques sublinhados em (12) e (13), atua como um fator de inibição desse elemento. Nesses exemplos, o sintagma figura na mesma sentença da forma verbal, mas há sintagmas nominais externos à oração do verbo com que se relaciona. É o caso de os transportes, em (14). Em função dessa dupla possibilidade de localização, foram controlados três fatores nesse grupo: a) posição posposta do sintagma nominal na mesma sentença em que se encontra o verbo; b) posição anteposta do sintagma nominal na mesma sentença do verbo e c) sintagma nominal externo à sentença do verbo com que se relaciona. Os resultados aparecem na Tabela 8.

(10) quando andávamos noutros regimes não não **se registavam** assaltos na rua (CACB1H)

(11) **fazia-se** bolinhas (OEIA2H)

(12) onde as coisas **se compravam** naturalmente (OEIC1H)

(13) muitos dos problemas **resolvem-se** por dupla negociação (FUNB3H)

(14) tem os transportes como **se usava** antigamente (FUNC1H)

| Posição do sintagma nominal | Ocorrências | % | P.R. |
|-----------------------------|-------------|----|------|
| Sintagma nominal pós-verbal | 34/42 | 81 | .79 |
| Sintagma nominal pré-verbal | 5/14 | 36 | .34 |
| Sintagma externo à sentença | 4/9 | 45 | .26 |

Tabela 8. Atuação da variável Posição do sintagma nominal em relação ao verbo para o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural

Ainda que o grupo tenha passado por uma adaptação, os resultados para as construções com **se** revelam exatamente a mesma tendência que os obtidos pelos trabalhos citados: a posição pós-verbal do sintagma nominal, como o sujeito posposto, favorece o cancelamento da flexão de 3ª pessoa do plural, o que se constata no peso relativo (.79); entretanto, o peso dos demais fatores, que não é tão baixo, confirma a suposição de que o uso ou o apagamento desse elemento nas construções com **se**, na variedade europeia se configura numa regra variável, tal como, conforme visto anteriormente, Brandão e Vieira (2012) constataram para as sentenças ativas e passivas analíticas do PB. Essa confirmação do caráter variável da regra, com preferência pela ausência do elemento flexional, também pode ser considerada mais uma evidência da aceitação do cancelamento da marca de pluralidade.

4. CONSTRUÇÕES COM SE NO PST

Para a variedade do PST, foi aventada a hipótese de que, ao contrário do PE, o apagamento da marca de pluralidade de 3ª pessoa nas construções com **se** não competiria com sua realização, porque estaria espalhado em todos os contextos, sendo caracterizado, pois, como categórico. Entretanto, as poucas ocorrências presentes na amostra, 14, das quais apenas duas exibem a flexão de 3ª pessoa do plural, impossibilitaram uma análise nos moldes da metodologia da Sociolinguística Variacionista, cujo principal recurso consiste no uso do programa de regra variável, que, além de sinalizar uma competição entre formas numa variedade linguística, indica se se trata de uma regra categórica ou semicategórica (Labov 2003). Não há, pois, como comprovar ou não, quantitativamente, a hipótese inicial para a investigação de tais construções na variedade do português de São Tomé e Príncipe, mas o fato de praticamente todos os 14 exemplos encontrados apresentarem o cancelamento da marca de plural não deixa de ser bem sugestivo, permitindo-nos concluir que, nessa variedade, a marcação de pluralidade nas construções com **se** analisadas predomina. Até mesmo as ocorrências com marca de plural, (15) e (16), realizadas pelo mesmo informante, ocorrem em um contexto que deve ter influenciado o uso da flexão, pois são produzidas com a mesma forma verbal pluralizada presente na pergunta da entrevistadora, numa clara demonstração de que o entrevistado reproduziu o que havia acabado de ouvir:

(15) **Vêm-se** menos mosquitos. (PSTA3M)

(16) **Vêm-se** muitos desses mosquitos. (PSTA3M)

Os exemplos que seguem ilustram as duas posições em que o sintagma nominal, pós-verbal (17) ou pré-verbal (18), pode ocorrer. Além disso, exibem sintagmas com o traço [-animado]:

(17) Para dizer, em Potó **fala-se** duas línguas, o forro e o cabo-verdiano (PSTA2H)

(18) essas folhas **lava-se** muito bem (PSTB2M)

Apenas nas ocorrências em (15), (16) e em (19), os sintagmas nominais recebem traço [+animado]:

(19) Em Nigéria **vê-se** pessoas (PSTA3H)

Apesar de as evidências numéricas não serem significativas, estamos, sem dúvida, diante de realizações que refletem, ainda que sutilmente, a predominância do apagamento da marca de pluralidade nos verbos transitivos diretos nas construções com **se** nessa variedade do português, o que, de certa forma, confirma a hipótese inicial desta pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo focalizou, nas variedades europeia e santomense do Português, o uso ou não do elemento flexional de 3ª pessoa do plural nas construções com **se** combinado a verbos transitivos diretos. A ideia inicial foi a de estabelecer um contraponto entre os resultados obtidos para essas duas variedades, partindo da suposição de que no PE a regra para o uso da flexão seria variável, mas, no PST, o cancelamento apareceria como categórico; entretanto, a escassez de dados na amostra do PST impossibilitou a comparação. Além disso, a expectativa que guiou esta pesquisa é a de que a ausência da flexão de 3ª pessoa não recebe valor negativo como ocorre se o apagamento se realizar em sentenças ativas. Para testar essa hipótese, foram estabelecidas comparações com trabalhos variacionistas sobre concordância verbal de 3ª pessoa do plural no PE, PB e PST.

Assim, para a análise das construções com **se**, os resultados sugerem que, no PE, apagamento e realização do elemento flexional de 3ª pessoa competem entre si, tratando-se, portanto, de uma regra variável, diferentemente do seu uso nas sentenças ativas no PE, em que se trata de uma regra semicategórica. Da comparação estabelecida com as análises do PB e o PST, atesta-se o mesmo comportamento: variação entre ausência e presença da flexão.

A expectativa de que, nas construções analisadas, o valor negativo do cancelamento não ocorre se confirma nos resultados não só para os percentuais, como também para os pesos relativos. A primeira evidência vem das taxas referentes ao nível de escolaridade em que se observa o mesmo valor para o nível médio e superior. Essa igualdade sugere a aceitação da ausência da marca de pluralidade, que se verifica também nos pesos obtidos para a faixa etária, com os indivíduos mais velhos realizando com mais frequência a forma menos conservadora. Ou seja: o apagamento da flexão. A terceira evidência encontra-se nos resultados para a variável *sexo* que revelam ser o sexo feminino a usar o cancelamento e não os homens, como se esperava.

As evidências não se revelaram apenas por meio das variáveis extralinguísticas selecionadas pelo programa de regra variável, mas partem ainda do grupo de fatores relacionado à posição do sintagma nominal, uma vez que o peso para o sintagma pós-verbal alcança um alto valor, indicando forte atuação desse contexto no uso do apagamento da marca de 3ª pessoa do plural. Para os dados relativos ao PST, as poucas ocorrências encontradas também sugerem, apesar de sutilmente, que a realização nula da marca de pluralidade predomina nessa variedade do português, o que permite a conclusão, muito ponderada, de que, tal como no PE, não se constata o valor negativo do cancelamento da flexão no contexto analisado.

O que se refletiu, neste artigo, sobre valor negativo e positivo das formas linguísticas em competição revela, na verdade, a importância de desenvolvimento de pesquisas acerca da avaliação das variantes para confirmar ou não as interpretações feitas com base no uso. A fim de problematizar ainda mais as questões discutidas, sinalizando um novo estudo, fica a pergunta: é possível tirar conclusões sobre valor negativo ou positivo de variantes pela frequência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Fernanda Villares. 2013. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português europeu*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Inédita.
- Brandão, Sílvia Figueiredo. 2013. Patterns of plural agreement within the Noun Phrase, *Journal of Portuguese linguistics*, 12 (2): 51-100.
- Brandão, Sílvia Figueiredo e Sílvia Rodrigues Vieira. 2012. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades do português, *Alfa Revista de Linguística*, 56 (3): 1035-1064.
- Cavalcante, Sílvia Regina de Oliveira. 2011. Construções de “SE-passivo” na história do português e a posição de sujeitos e complementos, *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL: 153-167.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Labov, William. 2003. Some sociolinguistic principles, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (eds.) *Sociolinguistics: the essential readings*, Oxford, Blackwell: 235-250.
- Lemle, Miriam e Anthony Julius Naro. 1977. *Competências básicas do português*, Rio de Janeiro, Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização.
- Monguilhott, Isabel. 2001. *Variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Inédita.
- Monguilhott, Isabel. 2009. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Inédita.
- Monguilhott, Isabel. 2010. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE, em *IX Encontro do Círculo de estudos Linguísticos do Sul*, Palhoça, Anais do IX CELSUL, 2010.
- Monguilhott, Isabel e Izete Coelho. 2011. Sujeito: entre ordem e concordância, *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários* 8, Rio de Janeiro, UFRJ: 307-328.
- Pontes, Eunice. 1986. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, São Paulo, Ática.
- Varejão, Filomena. 2006. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no Português Europeu Popular*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Inédita.
- Vieira, Sílvia Rodrigues e Aline Bazenga. 2013. Patterns of 3rd person plural verbal agreement, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 7-50.
- Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 1968. Empirical foundations for theory of linguistic change, em W. Lehmann. e Y. Malkiel (orgs.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press: 97-195.